

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 686

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
ALCANTARA

A Fortuna do Escaravelho

Por LAURA CHAVES

O Escaravelho Pretinho tinha fama de pateta, mas o pobre do bichinho não era nada tontinho, o que êle era, era poeta.

E na alma dum poeta nada existe de ruim... Vê, num cardo, a violeta, num mocho, uma borboleta... O Escaravelho era assim.

Um dia, andava ligeiro, como era seu bom costume, a passear no terreiro, quando, à borda de um carreiro, viu um montinho de estrume.

Pôs-se o poeta a pensar, com a pata junta à tola, a forma de acarretar essa fortuna invulgar, e, vai, fez dela uma bola.

Depois, sôb ela ajoujado, dizia — «Mas que tesoiro! Não há bicho aqui no prado

que não fique deslumbrado ao vêr esta bola de oiro!»

Sempre de bola na frente lá seguia o Escaravelho, quando, nisto, de repente, passa rente, mesmo rente, um maluco dum coelho.

O bicho, assarapantado, com o susto larga a bola e cai para o outro lado, enquanto o tesoiro amado monte abaixo lá rebola!

Ao erguer-se, que pesar! não vendo o seu oiro ali, põe-se a gritar, a gritar: — «Venham todos procurar a riqueza que eu perdi!»

O Vaga-lume, o Saltão, a Formiga e o Besoiro preguntam, numa aflicção: — «Mas o que perdeste, então?» — «Perdi uma bola de oiro!»

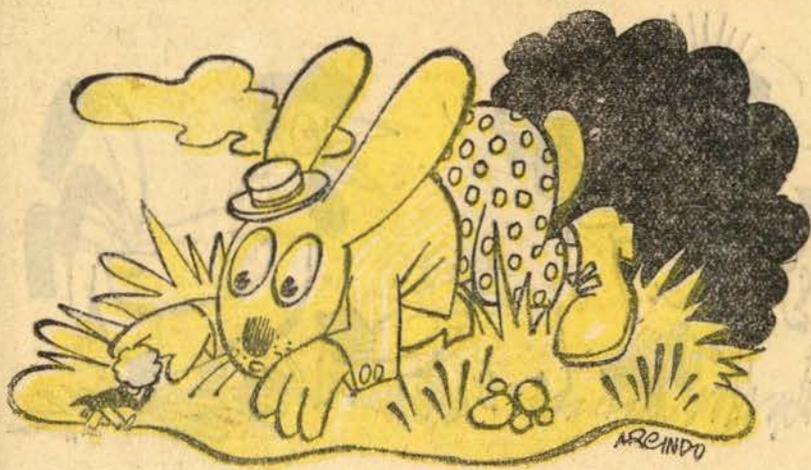


Logo para consolar o bicho que se lastima, prometem que a vão buscar e põem-se a procurar monte abaixo, monte acima.

O Vaga-lume, à noitinha, achou, sob um ramo velho, uma coisa redondinha que era, afinal, a bolinha do amigo Escaravelho.

Vai, então, o Vaga-lume mostrou-a logo ao Besoiro que lhe diz com azedume: — "Pois tu não vês que isso é estrume e que a bola dêle é de oiro?"

..... Nada há de positivo quer no bem ou quer no mal porque tudo é relativo e êste conceito é profundo: tudo depende, afinal, nesta vida em que vivemos, dos olhos com que nós vemos as coisas cá dêste mundo.



A PROEZA dum BICHO de CONTA

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

DEBAIXO da pedra onde vivia com a família, o bicho de conta, da nossa história, sentia-se muito infeliz.

Não podia respirar e mal apanhava a mãe desprevenida — quer dizer feita numa bolinha — punha-se logo a caminhar pelos campos fóra, em busca de sensações desconhecidas.

Já as lagartinhas, tão mexidinhas, os gafanhotos muito marotos, as formigas, minhocas e mais bicharocas, ao vê-lo passar, todo apressado, lhe cantavam esta cantiga, que o enchia de arrelia :

— «O bicho de conta não é bom amigo.
O bicho de conta tem conta contigo!
Es sonso, és palonço, és feito de engonço!
e, assim mesmo esconso e cheio de fel,
o bicho de conta...
Tomem conta nê!»

Encasnavam-no tanto que ele jurou meter-se a fazer proezas que o tornassem célebre para meter numa chinelo a bicharada que lhe fazia tão grande assuada.

Como o terror da vizinhança eram os bicos afiados das galinhas, magicou uma partida que provasse aos outros que aqueles animais não eram tão fezozes como eles supunham, pois um simples bicho de conta, sonso, palonço e feito de engonço, seria capaz de os fazer passar as passas do algarve.

Escalheu para sua vítima uma bela galinha que passava com a sua ninhada pelos montes de cal, perto da capoeira.

Vai, então, subiu por aquela brancura e, manhoso, fez-se em bola, rebola

que rebola, até que veio cair em frente dela.

Pensativa, a galinha observou aquela massa escura e, fura que fura, depenica aqui, depenica ali, meteu-o pela goela abaixo.

O sonso, o palonço, esgueirou-se, sorrateiro, indo cair no papo da senhora galinha.

Lá dentro, desenrolou-se, alastrou-se e, com as perninhas a dar, a dar, fez-lhe nas tripas uma comichão de pasmar!

Logo a galinha perdeu a linha!



Aos saltinhos, aos pulinhos, como mordida pela tarantula, a póbrezinha cacarejava aflita, sem compreender o que assim a fazia mover!

Chegaram galos, patos, perús, mais as galinhas em catrapus! e inquiriam, algo espantados, qual o motivo daquela dança, estranha folgança, numa senhora tão respeitável!

E a galinha, sempre num tango, num tal fandango, toda mexia, nem os ouvia!

E só dizia: — «Ai, que arrelia! Ai, que arrelia!»

Quási em fanico, abrindo o bico,

tanto piou, barafustou e cuspinhou, tal força fez, que era uma vez!

Junto com sêneas, couves e milho — oh que sarilho! — o bicho sonso, todo em engonço, sai de roldão e cai no chão.

Essa bolinha, muito espertinha, desenrolou-se e transformou-se numa lagarta de pança farta que, com as pernas a dar, a dar, logo tratou de se safar.

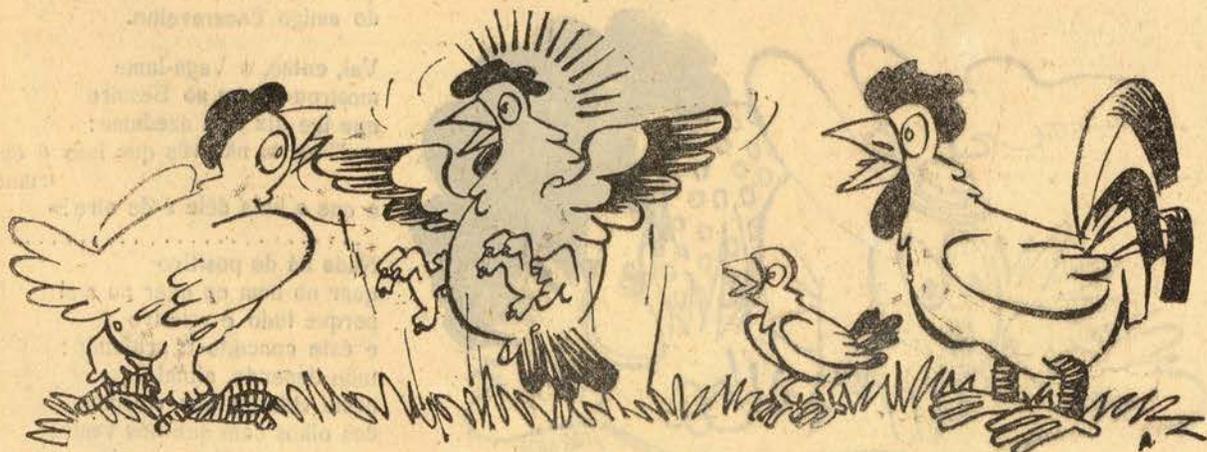
E a bicharia, com gritaria, cantou, piou e comentou:

— «O bicho de conta é bicho de monta!
A pobre galinha, quiz esta continha fazer tal mazela p'ra dar conta dela!
E bicho espertinho, é bicho daninho, assim pequenino, mofino, rabino, capaz de dar cabo, mandar p'ró diabo, só por brincadeira, toda a capoeira!

E o caso é que aquele feito, feito com tanto jeito, deu um tal prestígio ao bicharoco, que os gafanhotos, muito marotos, as lagartinhas, tão mexidinhas e as formigas em correria, todos vieram cumprimentá-lo e festejá-lo.

Assim, o bicho sonso, palonço, feito de engonço, dizia sempre, muito importante, muito pedante: — «Quem sai do papo dum animal, é personagem universal!»

Pois é um feito, feito com jeito, o ser comido e ter saído, — como o provei — p'la mesma porta, por onde entrei!»



A MAIOR FELICIDADE

Por MARIA JUSTINA VIEIRA LIMA

Mariazinha era uma linda menina, muito rica. Todos os seus desejos eram satisfeitos, todos os seus sonhos eram realizados. Nos seus olhos dum azul celeste, existia uma chama de orgulho que lhe tirava toda a beleza.

Estava convencida de que não havia felicidade sem ser acompanhada duma



grande fortuna. Um dia, passando por uma humilde rapariguita, mas na qual se adivinhava uma alma bondosa, notou que ela tinha o rosto iluminado por um sorriso de felicidade e de contentamento. A Mariazinha, admirada de ver tanta alegria em tanta pobreza, perguntou-lhe:

— «Como podes sêr tu feliz, andando tão mal vestida e sem teres brinquedos? Enfim, se és tão pobre?»

— «Este vestido remendado, foi ganho à custa do meu trabalho. Não sou rica em haveres mas tenho a maior felicidade, pois tenho Mãe. E ela quem, com os seus carinhos, me faz andar alegre. Trabalho muito para a ajudar. Todavia, para tornar os meus afazeres mais leves, canto como os passarinhos que, chilreando contentes, procuram comida para o seu sustento.»

— «Mas como te entretens nas horas vagas?» (interrogou a outra).

— «Muito bem, (disse a pobrezita,) A-pesar-de não têr jardim para correr, nem bonecos para brincar, divirto-me com os passarinhos que me vêm comer à mão, algumas migalhitas que sobrem da ceia.»

— «E isso apenas basta para a tua

Colaboração Infantil

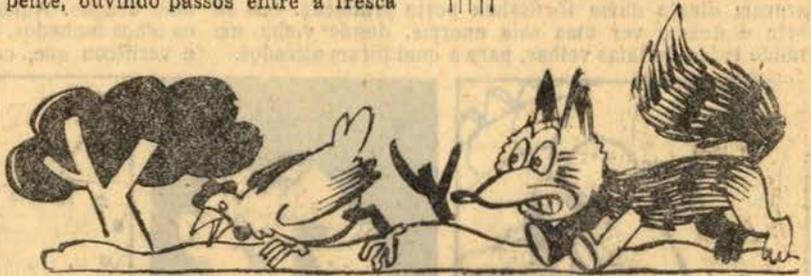
O CASTIGO DA GALINHA VAIDOSA

Era uma vez uma galinha, muito vaidosa, que vivia com os seus sete filhos e o seu esposo.

Ora, a galinha não só tinha o defeito de ser vaidosa como o de ser egoísta. A galinha apenas pensava em comer e não dava nada aos seus pintainhos, razão porque êles estavam muito magritos. Um certo dia, ela foi passear, sôzinha, para um campo onde havia animais ferozes e, sem se importar com isso, pôs-se a comer grãos. De repente, ouvindo passos entre a fresca

relva, voltou-se e que viu? Uma raposa. Tentou fugir mas não teve tempo e... era uma vez uma galinha vaidosa!... Então, o senhor galo resolveu casar com outra galinha, que era modesta, e viveram todos muito felizes.

GUILHERME DE SANTA-RITA
(de 8 anos de idade)



alegria e ventura? Não te farão falta os brinquedos por nós tão cubiçados? Não sentirás inveja ao vêr-me rodeada de todo o conforto?»

caricias da minha querida Mãezinha. A menina julga-se ditosa por têr uma grande fortuna mas não o é, pois é órfã. Falta-lhe a maior riqueza — que

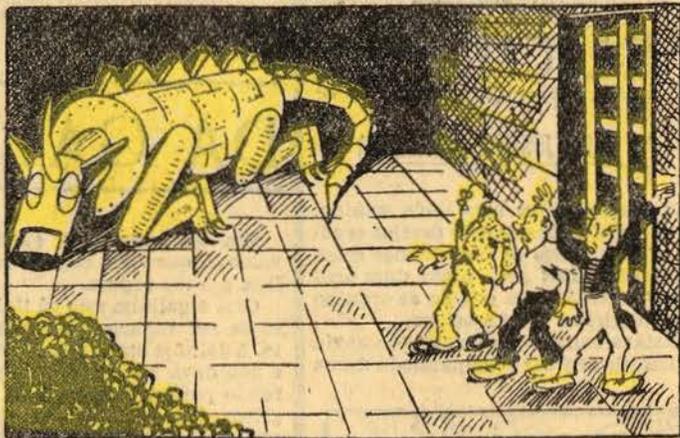
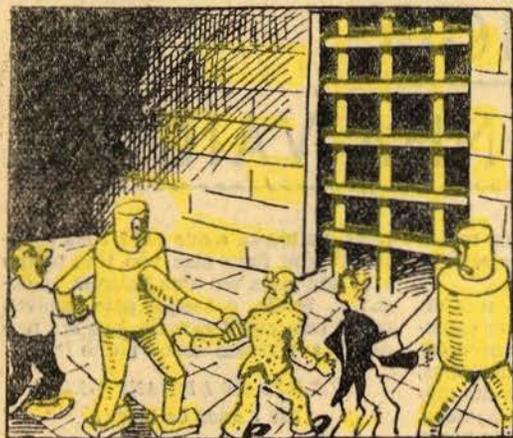


— «Não, minha menina, nada disso me faz falta, nem me causa inveja porque tenho os afagos, a ternura, as

pode ter-se na vida: — a nossa Mãe! Ela sim, ela é que é a maior de todas as venturas!

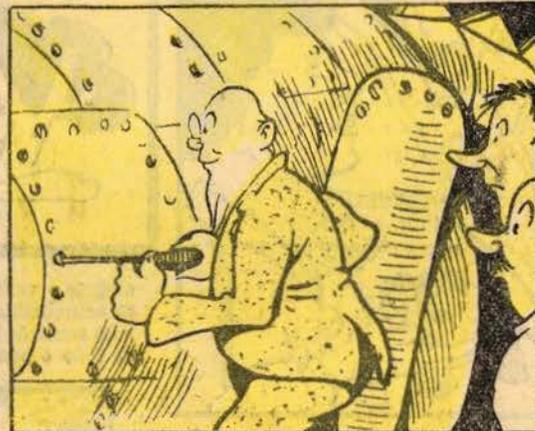
VIAGEM aos PLANETAS

(Continuação
do último número)



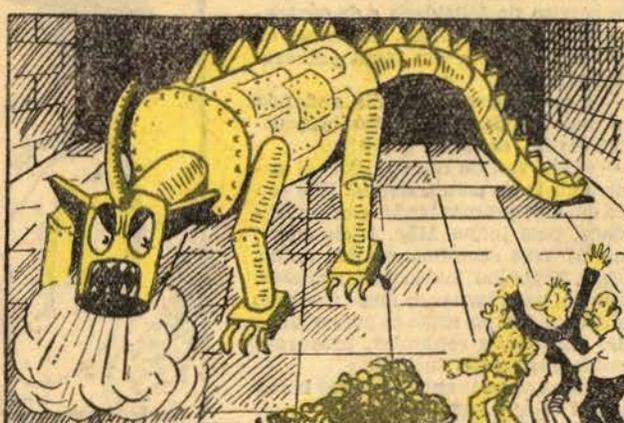
Os três amigos foram arrastados por aqueles extraordinários marcianos através de vários corredores, até que pararam diante duma fortíssima porta gradeada, que se abriu e deixou ver uma sala enorme, donde vinha um grande ruído de latas velhas, para a qual foram atirados.

Viram, então, cheios de terror, um ente muito mais monstruoso que os primeiros e que parecia arremedar a figura dum dragão. Aquele monstro parecia dormir, pois tinha os olhos fechados. O sábio, mais afoito, aproximou-se dele e verificou que, como os primeiros, também era consti-



tido por placas de ferro, aparafusadas umas às outras. Um calor enorme vinha da barriga do bicho, que resfolegava como uma locomotiva. E quando o dr. Sabão olhou para um canto e viu um monte de carvão, a sua «subida»

inteligência ligou vários factos e teve, então, uma ideia que os havia de salvar. Tirou uma chave de parafusos do bolso e desaparafusou da barriga do monstro uma placa. Viu que o interior dela era uma verdadeira fornalha. Tra-

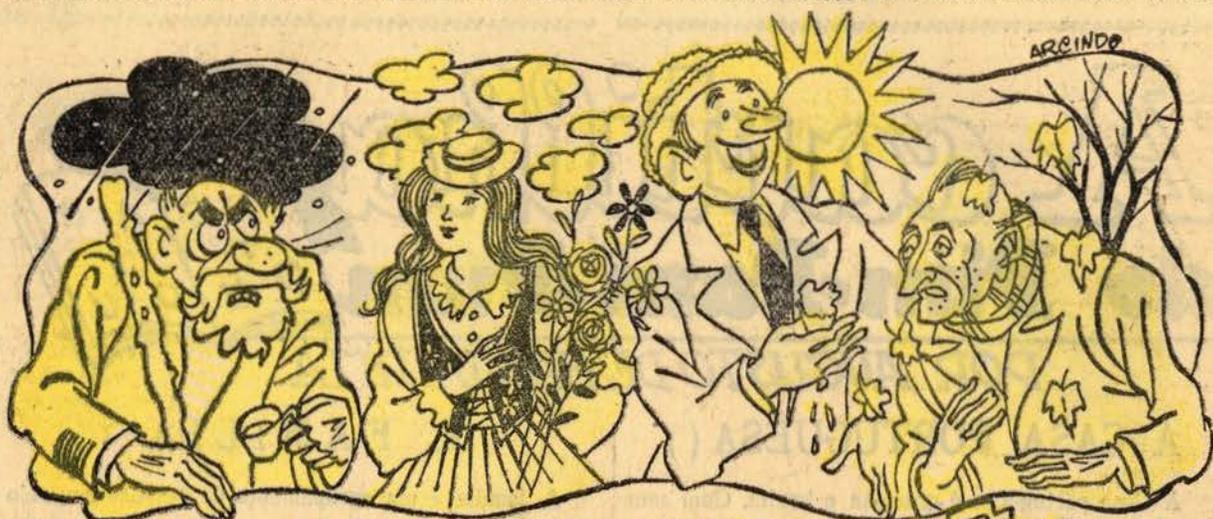


itou de atulhar a dita barriga, de carvão, e encheu-a o mais que pôde. Em seguida aparafusou novamente a placa de ferro, e esperou o resultado.

Momentos depois, o bicho acordava muitíssimo mal dis-

posto e com umas tremendas cólicas. Resfolegou ruidosamente e olhou para os três amigos. Abriu, então, a sua enorme bocarra e...

(Continua no próximo número)



AS QUATRO ESTAÇÕES

PARA AS MAIS PEQUENINAS RECITAREM
Por GRACIETTE BRANCO

A primavera é uma menina
com doze anos ou pouco mais,
às vezes boa, outras rabina,
chorando muito, ralando os pais...

Traz chapelinho de sêda azul,
vestido alegre, fresco e rodado,

corpete justo, verde e taful,
da cõr das relvas, da cõr do prado...

Gosta de flõres e não se cança,
de semeá-las pela colina,
mas não se pode ter confiança
no géniozinho desta menina...

Senhor Verão é um sujeito
novo e alegre, rosto banal,
fato de linho, muito bem feito
nos alfaiates da capital.

(Continua na página 7)

ENCONTRAÍ RIMAS e FIXAÍ CONCEITOS



Faltando aos deveres seus,
Cismava moira ensonada:
«Mais vale ajuda de D...
Do que grande madrug...!»

Vale; porém, não te lludas
Dormindo, sonhando a êsmo,
Porque Deus só dá aju...
A quem se ajuda a si m...!



Meus amigos, na vorágem
Desta vida de tormentas,
Coragem, muita cor...
Tende a todos os mom...!

Com ela, fomes, doenças,
Preguiça, inveja atrevida,
Perdas, dores, desav...
Tudo se vence na v...!

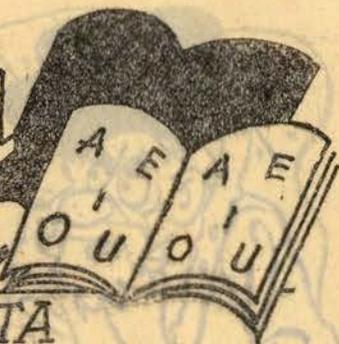


A quem lhe dava um copinho,
Disse um dia o meu avô:
«As flores não bebem v...»
Já o dizia Russ...

Tende pois moderação,
Pra não caídes no abismo
De lama, de podrid...
A que chamam álcool...!

AVISO AOS CONCORRENTES: Previnimos os nossos amiguinhos que estes 3 desenhos de hoje e os respectivos Versos são o remate do nosso concurso e que, do próximo dia 1 em diante deverão ser entregues na nossa redacção as respectivas cadernetas.

A cartilha do Pim-Pum-Pum



POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

A CASA PORTUGUESA (*)

A Casa portuguesa é graciosa e bonita. Com seus alpendres floridos e vasinhos com mangericos, colocados sobre o peitoril das janelas, a casinha portuguesa é das mais atraentes e vistosas.

A casa onde habitamos deve ser muito estimada. É nela que se abrigam os nossos grandes afectos, como sejam os nossos avózinhas, os nossos pais, os nossos irmãos e os nossos amigos. Nela repousamos, depois de cumpridas as nossas obrigações, nela dormimos, nela sonhamos.

Quem imagina e desenha o aspecto exterior e interior das casas, é o architecto. Quem dirige a sua construção é o mestre de obras e quem as constrói são os operários.

(*) Ver, na página 8, a CONSTRUÇÃO PARA ARMAR.

A FAMÍLIA

A família é um agrupamento de pessoas em cujo corpo, em cujas veias, corre o mesmo sangue. Os nossos parentes: — avós, pais, mães, filhos, netos, irmãos, tios, sobrinhos e primos, constituem a nossa família. Temos obrigação de consagrar-lhe grande estima e muito respeito, porque Ela representa a herança espiritual e material dos nossos antepassados, daqueles a quem devemos as nossas vidas e os nossos bens.

Ao conjunto de todos os parentes, do mesmo sangue, chama-se Família e ao conjunto de todas as famílias, da mesma raça, chama-se Pátria.

Dona Filipa de Lencastre

Rainha de Portugal, foi Dona Filipa de Lencastre, digna esposa de Dom João I, Mestre de Aviz.



uma mulher exemplar e o modelo das mães.

Possuidora das mais altas virtudes domésticas, Dona Filipa de Lencastre tornou-se não só a grande amiga e conselheira da sua

Côrte e do seu povo, mas a desvelada protectora da Pobreza.

Em volta da sua banquinha de costura ou da sua mesa de estudo, se agrupavam seus filhos, que foram dos mais notáveis príncipes de que se honra a nossa Pátria. Eram êles o futuro rei Dom Duarte, que mereceu o cognome de *eloquente*; Dom Henrique que, em Sagres, encetou os grandes descobrimentos; o infante Dom Pedro, espírito ponderado, de alto merecimento; e Dom Fernando, que ficou conhecido, na História, pelo Infante Santo, em virtude da heroica resignação com que sofreu o seu cativeiro nos cárceres de Fez, por ocasião da conquista de Ceuta e onde morreu como um mártir.

Dona Filipa de Lencastre introduziu em todo o Reino as virtudes familiares, influndo, consideravelmente, para a pureza dos costumes, do trato e da linguagem. Seguindo sempre a divisa: — *Por bem*, que era a de seu marido, fundou muitos templos e mosteiros, onde se ministravam a Religião e o Ensino.

O Patrão Lopes

Joaquim Lopes — era este o seu nome de baptismo, — foi um modesto marinheiro que, devido aos seus



actos de abnegação e heroísmo, se tornou um benemérito, arriscando, vezes sem conta, a sua vida pela do seu semelhante.

Velho *lobo do mar*, designação que se dá aos valentes marinheiros

As quatro estações

(Continuação da página 5)

Mete figura, causa furor,
anda nas praias, finge que nada,
e nos momentos de mais calor,
toma sorvete, carapinhada...

Tem «manicure», usa verniz,
«chic» e «poseur» uns cem por cento...
e em plenas tardes, nos Estoris,
recita os versos: «Dança do Vento».

Senhor Outono, doce poeta,
curvado ao pêso de estranha cruz...
Deita-se cêdo, humilde e asceta,
fecha as janelas, apaga a luz!

Gênio tranqüilo, maneira linda,
conversa pouco, não diz a idade...
Já não é novo mas tem ainda
grandes vislumbres de mocidade...

Caminha, triste, nas avenidas,
e com o auxílio dos longos dedos,
arranca as folhas, já ressequidas,
dos velhos troncos dos arvoredos...

Senhor Inverno, casmurro e mau,
grandes bigodes, voz de trovão,
anda apoiado a um grosso páu,
calça patufas, veste gabão.

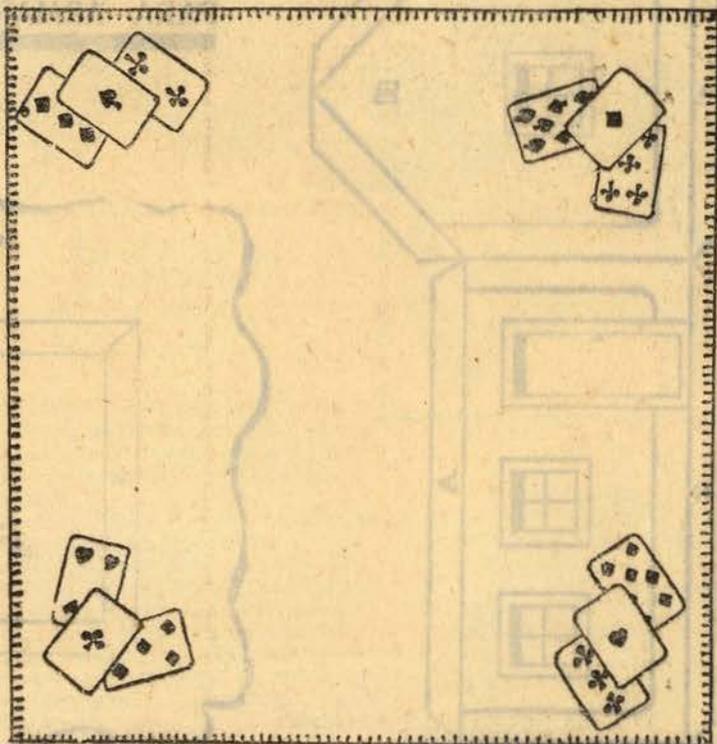
É feio e velho, torto e gotoso,
e o seu catarro que tudo alcança,
de tal maneira sai ruído,
que Santa Bárbara não descança...

Toma remédios, chá de limão,
e quando morre faz tal pavor,
que não há alma nem coração
que tenha pena de tal Senhor!...

que lutam com as bravas ondas,
Patrão Lopes tantos naufragos salvou
que conseguiu a admiração e
o respeito não só dos portugueses,
como até dos próprios estrangeiros.
Em sua grosseira mas honrada
jaqueta marítima, luziam dezenas
de medalhas e condecorações,
entre as quais a de Torre e Espada,
concedidas pelo Governo Português
e pelos Estados do Brasil,
de Espanha e de Inglaterra.

O CESTINHO

da COSTURA



Minhas queridas...

Como uma das distrações predilectas é para muitos o jogo das cartas, venho hoje trazer-vos o modelo dum pano de mesa enfeitado com cartas de jogar, pois êle será muito útil nas vossas casas.

Adoptem, para êsse fim, linho verde, encarnado ou de outro qualquer tom escuro.

Sobre êle e segundo o desenho, apliquem as cartas, cujo risco se passa só-

bre linho branco. Estas têm de ser bem alinhavadas para o trabalho não ficar imperfeito. Depois, com algodão preto, façam à volta de cada uma o ponto de recorte.

Em seguida, bordem em ponto cheio as copas, ouros, espadas e paus, com a linha encarnada e preta. Na sua simplicidade, é esta toalinha encantadora e, com certeza, vai ser recebida com o maior agrado.

Vossa

Abelha Mestra.

A D I V I N H A

O Coelhoinho está muito triste, pois o professor, o Mestre Coelho, para o castigar de lhe deitar a língua de fora, (o que aqui para nós, é muito feio), mandou-o escrever no quadro, dez vezes a frase...

Que frase seria?

Vemos o Coelhoinho numa das vezes em que está a apagar o que escreveu e por isso já não percebemos o que lá estava.

O que seria?

* A solução virá no próximo número.



A CASA PORTUGUESA

CONSTRUÇÃO
PARA ARMAR

